

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

**22^a REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA
BRASÍLIA, 16 A 19 DE JULHO DE 2000**

**FÓRUM DE PESQUISA 08:
FÓRUM DE PESQUISA EM ONOMÁSTICA**

**Coordenadoras:
Flávia de Mattos Motta (Unicamp)
Aracy Lopes da Silva (USP)**

Considerando a nova estrutura prevista para a XXII Reunião Brasileira de Antropologia, vimos aqui propor a organização de um Fórum de Pesquisa em Onomástica.

As análises de práticas onomásticas associadas a noções de pessoa fazem parte de estudos clássicos da Antropologia. Diversos autores das mais variadas procedências geográficas e teóricas têm desenvolvido estudos de nomenclatura que analisam contextos sociais os mais diversos. Na etnologia sul-americana, o campo dos estudos de nomenclatura tem se revelado igualmente vigoroso. Na Antropologia brasileira, pode-se dizer que a onomástica entra pela porta da etnologia indígena, embora a sensibilidade quanto a esse campo de estudo já venha se fazendo sentir em estudos de Antropologia urbana e de populações rurais.

Nesses estudos, os nomes pessoais e de família são tomados como instrumentos propícios à compreensão de dinâmicas e processos sociais e identitários negociados em contextos específicos. Nas práticas onomásticas relativas à escolha, atribuição e uso ou ocultação de nomes, cruzam-se múltiplas instâncias da experiência individual e social. Em sociedades complexas, os nomes, como marcas de identidade pessoal e grupal, sofrem regulamentação jurídica, são objetos de disposições legais, ao mesmo tempo em que se vinculam à genealogias, às histórias familiares, a escolhas individuais.

A presente proposta satisfaz a expectativa em torno de "um tema que constitua um eixo transversal a diferentes áreas da pesquisa e conhecimento antropológico" : os estudos de nomenclatura não só abarcam diferentes perspectivas teóricas, como, se é certo que neles identifica-se facilmente a permanência da ênfase clássica da abordagem do nome próprio em relação à noção de pessoa, observa-se contemporaneamente uma tendência à vinculação analítica dos nomes de pessoa à discussão sobre etnicidade, gênero, como fenômeno de moda ou relacionado às questões da "Antropologia das emoções". Confirma-se o interesse renovado por onomástica nos estudos antropológicos.

Pretendemos reunir, em três seções, pesquisadores com experiência nessa área ou com pesquisas em andamento para favorecer o enriquecimento mútuo dos trabalhos, discutir o

problema ético, mapear o campo no Brasil e estimular o desenvolvimento dos estudos de nomenclatura.

ONOMÁSTICA: CONTEXTO INDÍGENA

A ONOMÁSTICA E AS LÍNGUAS INDÍGENAS DO BRASIL. ESTUDO DE CASO: PROJETO ATESP.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP)

A Onomástica em seus dois ramos conhecidos, Toponímia e Antroponímia recobre, cientificamente, as áreas da lexicologia, lexicografia e terminologia. As indagações que suscita quanto à origem dos designativos e apelativos mostram também uma significativa implicação semântica. Por envolver as palavras tornadas nomes, a Onomástica deve buscar, como entendemos, as camadas dialetais presentes na língua falada e que consubstanciam a historiografia dos grupos. Dentro deste plano distribucional, destacamos o papel desempenhado pela línguas indígenas brasileiras na constituição do sistema toponímico e antroponímico vigente e na produção dos padrões onomásticos motivadores. Os dados utilizados nesta análise são os do Projeto ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo – ora em fase sua final.

ONOSMÁTICA KURÂ-BAKAIRI

Edir Pina de Barros (/USP)

Os Kurâ-Bakairí - povo de língua Karíb que vive em duas Terras Indígenas ao sudoeste do Alto Xingu - possuem um sofisticado sistema de nomação que coloca em relação os vivos, os mortos, a cosmologia, em termos mais amplos. O estudo a ser apresentado propõe-se a explorar tais relações, analisando a sua articulação com o espaço, com o tempo e com as coordenadas culturais subjacentes que lhe conferem sentido.

ONOMÁSTICA TRADICIONAL E DE CONTATO ENTRE OS XERENTE

Francisco Carlos Oliveira Reis (UnB)

A idéia deste trabalho, em curso, é analisar a estrutura e os diferentes significados sociais de dois padrões de nomação na sociedade Xerente. O primeiro desses padrões se caracteriza pelo seu desempenho público e pela dicotomia que ele instaura entre os gêneros, ambos reflexos dos ritos de nomação masculina e feminina e da forma de organização dualista da sociedade Xerente. Paralela a este padrão tradicional, a nomação surgida do contato com a sociedade nacional é caracterizada pela outorga de nomes em língua portuguesa mas marcada por elementos do padrão tradicional.

O SILÊNCIO DOS NOMES: NOMES DO CORPO, NOÇÃO DE PESSOA E IDENTIDADE ÉTNICA ENTRE OS NAMBIQUARA.

Marcelo Fiorini (York University)

Partindo das contribuições de Mauss à noção da pessoa e a socialização das 'techniques du corps' analiso os elementos constitutivos da identidade Nambiquara. O nome pessoal não deve apenas ser estudado no contexto cosmológico. O nomear Nambiquara é uma 'technique du corps' (a maioria dos nomes referem-se a partes do corpo). O mistério dos nomes está no fato deles serem mantidos em sigilo - não em segredo, pois todos sabem os nomes alheios. Trata-se de uma forma de viver a socialidade: o nome é omitido nas interações sociais para enfatizar o status da pessoa nomeada. O silêncio sobre os nomes cria um centro de máxima inacessibilidade que expressa a própria alma humana.

ONOMÁSTICA: CONTEXTOS DIVERSOS

O NOME DE (DO) ÍNDIO: MEMÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA DE UMA FAMÍLIA SERTANEJA.

Izabel Missagia de Mattos (Unicamp)

Trata-se de um estudo sobre famílias na região do Vale do Jequitinhonha, portadoras do sobrenome "Índio". A relação entre o nome e a indianidade é analisada, a partir de uma vertente onomástica baseada na interpretação do "fetichismo" ou "substancialismo" do nome, vertente que, por sua vez, tem origem na psicanálise.

O estudo mostra ainda a trajetória histórica dessas famílias e a resignificação de sua indianidade perante a revalorização da presença e da memória indígena na região, a partir da instalação de uma aldeia de índios Pankararu, apontando para o surgimento de um processo de "etnogênese".

UM NOME PARA A SOCIEDADE

Zanoni Neves (Núcleo de Estudos da Cultura Mineira/Comissão Mineira de Folclore)

A etnografia que estamos elaborando limita-se à pesquisa de nomes de pessoas nascidas na primeira metade do século XX. A área de estudo é o Médio São Francisco. Constatamos a predominância de nomes de batismo cuja origem é devocional. Pretendemos verificar a hipótese de que, tendo em vista o grande número de pessoas com prenomes iguais, ficou convencionalizado socialmente o acréscimo de um segundo nome ou apelido ao nome original de cada indivíduo. Os critérios para escolha desse segundo nome são diversos: identificação pela origem geográfica, atividade ou profissão, pela anatomia, compleição ou força física, pela idade, raça, personalidade ou temperamento, por intermédio do nome do progenitor ou cônjuge, por estigma físico ou moral.

LIGANDO O NOME À PESSOA: ONOMÁSTICA "AÇORIANA" EM FLORIANÓPOLIS

Flávia de Mattos Motta (Unicamp)

Nesta etnografia a respeito de grupos populares de urbanização recente em Florianópolis (a que se atribui uma ascendência açoriana), genealogias que remontam ao início do século XX ilustram a existência de um sistema de nomenclatura muito bem estruturado e peculiar. Esse sistema (e o próprio patrimônio onomástico) vem se modificando e se adaptando nas décadas mais recentes, o que parece acompanhar as transformações sofridas nas formas de organização familiar concomitantes ao processo de integração desses grupos a uma cultura mais propriamente urbana. Neste estudo, pretende-se interpretar os significados

desse sistema onomástico e suas transformações, relacionando-os a aspectos sociais e identitários.